



HISTÓRIA DA ARQUITETURA PERSPETIVAS TEMÁTICAS (III) A RUA NA ESTRUTURA URBANA

COORD.
MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA
NUNO RESENDE

HISTÓRIA DA ARQUITETURA PERSPETIVAS TEMÁTICAS (III) A RUA NA ESTRUTURA URBANA

COORD.

MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA
NUNO RESENDE



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



MISERICÓRDIA
DO PORTO

Título: ***História da Arquitetura. Perspetivas Temáticas (III). A Rua na Estrutura Urbana***

Coordenação: Manuel Joaquim Moreira da Rocha (FLUP-CITCEM), Nuno Resende (FLUP-CITCEM)

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Capa: Rua das Flores. Fotografia de Sofia Vechina

© 2024 Autores

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Santa Casa da Misericórdia do Porto

Rua das Flores, n.º 15 | 4050-265 Porto | www.mmipo.pt | geral@mmipo.scmp.pt

Este trabalho é sujeito a *double-blind peer review*.

Referees: Alexandra Trevisan (ESAP), Ana Cristina Sousa (UP), Begoña Fernández Rodríguez (USC), Carla Sofia Queirós (ESSE.IPP), Daniela Ferreira (UP), Filomena Limão (UP), Hugo Barreira (UP), Joana Brites (UC), José Augusto Pizarro (UP), Lúcia Rosas (UP), Lurdes Craveiro (UC), Maria Leonor Botelho (UP), Mário Mesquita (UP), Marta Arriscado de Oliveira (UP), Nuno Resende (UP), Patrícia Remelgado (UPT), Rui Maia (UP), Rui Morais (UP), Walter Rossa (UC)

Comissão Científica do Colóquio *A Rua na Estrutura Urbana / The Street in the City Structure*: Alfredo Buccaro (Università di Napoli Federico II), Amélia Polónia (Universidade do Porto), Carla Fernández Martínez (Universidad de Oviedo), Francisco Ollero Lobato (Universidad de Sevilla), Francisco Ribeiro da Silva (Universidade do Porto), Gonçalo Vasconcelos e Sousa (Universidade Católica Portuguesa), José Ferrão Afonso (Universidade Católica Portuguesa), Juan Manuel Monterroso Montero (Universidad de Santiago de Compostela), Lúcia Cardoso Rosas (Universidade do Porto), Luísa Trindade (Universidade de Coimbra), Lurdes Craveiro (Universidade de Coimbra), Manuel Joaquim Moreira da Rocha (Universidade do Porto), Mário Barroca (Universidade do Porto), Nuno Resende (Universidade do Porto), Olimpia Niglio (Università degli studi di Pavia), Rui Fernandes Póvoas (Universidade do Porto), Walter Rossa (Universidade de Coimbra)

Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada *online* ([https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1926&sum=sim&n0=Edi%C3%A7%C3%B5es%20do%20CITCEM&n1=Hist%C3%B3ria%20da%20Arquitetura.%20Perspetivas%20Tem%C3%A1ticas%20\(III\)](https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1926&sum=sim&n0=Edi%C3%A7%C3%B5es%20do%20CITCEM&n1=Hist%C3%B3ria%20da%20Arquitetura.%20Perspetivas%20Tem%C3%A1ticas%20(III))) e licenciada segundo uma licença Creative Commons de Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



ISBN: 978-989-8970-73-2

eISBN: 978-989-8970-74-9

Depósito legal: 531745/24

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-74-9/Hist>

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da; RESENDE, Nuno, coord. (2024). *História da Arquitetura. Perspetivas Temáticas (III). A Rua na Estrutura Urbana*. Porto: CITCEM. 480 pp. ISBN 978-989-8970-73-2.

Porto, maio de 2024 (1.ª edição)

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades do grupo de investigação «Património Material e Imaterial» e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020, DOI 10.54499/UIDB/04059/2020.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
I. A RUA NA DINÂMICA DA CIDADE: FUNÇÕES	
A Rua das Flores, palco privilegiado de rituais urbanos e da religiosidade fora dos templos (séculos XVI-XIX)	11
Francisco Ribeiro da Silva	
Os ourives na Rua das Flores: das oficinas às casas de ourivesaria, um percurso dos séculos XVIII a XX	29
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa	
«Que se erga “parede direita de pedra e call”». A mudança de paradigma na construção corrente em finais da Idade Média portuguesa	45
Luísa Trindade	
A Rua das Flores: um espaço familiar (século XVI)	83
Alice Borges Gago	
O calcetamento de ruas em Guimarães (1664-1795)	93
António José de Oliveira	
A Rua do Aterro da Boa Vista e a consolidação do eixo urbanístico do Recife no Oitocentos	121
Bruno Vitorino Silva Aguiar	
Streets as contested spaces in ancient Miletus	131
Christof Berns, Ann Lauren Osthof	
A rua enquanto espaço comercial: tipologias e topografias (séculos XV-XVIII)	143
Daniela Nunes Pereira	
Liquid streets: early modern waterways in urban spaces	157
Davide Martino	
From archaeological statements to scientific illustrations	167
Dominik Lengyel, Catherine Toulouse	
Via Mezzocannone: the street of Neapolitan university, a case of transformations for the bourgeois city	177
Francesca Capano	
Ri-conversioni per ex strade ferrate. Possibili in-fra-strutture ecologiche tra architetture, città e territori	193
Angela D'Agostino, Giuseppe D'Ascoli	

Ri-abitare il sotto-sopraelevata. Riusi inediti e riappropriazioni spontanee per spazi ‘altri’ di connessione	205
Giuseppe D’Ascoli, Maria Fierro	
Paisaje urbano y fachadismo en la turistificación del centro: el caso malagueño de calle Granada	215
Héctor Vázquez de la Rosa	
Arqueologia na Rua das Flores, Porto (2000-2021)	227
Manuela Ribeiro, Laura Sousa, Carla Stockler, Sérgio Gomes	
Le strade dell’Addizione erculea a Ferrara	247
Maria Teresa Sambin de Norcen	
Reading Street Space: notes on Via Tribunali and St John Street	259
Marianna Ascolese	
Dalla Marinella al sito Reale di Portici: storia dell’antica Strada delle Calabrie, tra natura ed artificio	271
Raffaele Amore	
La ciudad amurallada de Palma: avances e ingeniería que permitirían el nacimiento de La Rambla y el Passeig del Born	283
Tara Trancón Pujol	
II. O EDIFICADO DA RUA: FORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO	
A Rua das Flores: reabilitação e requalificação	297
Joaquim Teixeira, Rui Fernandes Póvoas	
Equipamentos de fornecimento de água no bairro da Rua das Flores na Época Moderna. Primeiros contributos para uma cartografia	309
Diogo Emanuel Pacheco Teixeira	
A Rua das Flores (1521 – Santa Catarina das Flores no século XVI) e o Mosteiro de São Bento de Avé Maria (1518/1899). O início da requalificação moderna do Porto	327
Isabel Maria Ribeiro Tavares de Pinho	
Fachada urbana, logradouro rural: a duplicidade das habitações da cidade de Viseu no século XVI	337
Liliana Andrade de Matos e Castilho	
A Rua Nova de Lisboa: da génese medieval ao final inesperado	345
Manuel Fialho Silva	
Rua das Flores, 150-160. Sucessão tipológica para funções persistentes no tempo, em seu edificado	355
Manuel Lessa	
Da revalorização da cidade histórica ao fetiche do rueiro: duas visões da arquitetura contemporânea em Compostela (1988-2000)	367
Santiago Rodríguez-Caramés	
A Loja da Claus Porto: viagem pela história de um edifício, uma marca e uma rua centenários	377
Sónia Couto	

III. A RUA NA ICONOGRAFIA URBANA

- Naples 1540: the Don Pedro de Toledo's Strada Reale. Historical urban analysis and digital cartography** 389
Alfredo Buccaro
- Rincones y calles de Pontevedra. Una aproximación desde su iconografía urbana** 403
Carla Fernández Martínez
- Criar, gerir e representar territórios urbanos. Duas plantas portuguesas da segunda metade de Quinhentos** 415
Mário Jorge Barroca, Mário Gonçalves Fernandes
- De la puerta de San Antonio hasta Las Ramblas. La incorporación de la calle Hospital de Barcelona al itinerario de las entradas reales a la ciudad** 435
Laura García Sánchez
- Una strada in forma di città. La Via Mercatovecchio a Udine** 447
Orietta Lanzarini
- Critérios e soluções na transformação da morfologia do edificado da Rua das Flores (1837-1916)** 457
Manuel Joaquim Moreira da Rocha, Sofia Nunes Vechina
- Planta de Vila do Conde do século XVI. Análise urbanística do edificado e da toponímia** 481
Eliana Miranda de Sousa

II

O EDIFICADO DA RUA: FORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO

A RUA DAS FLORES: REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO*

JOAQUIM TEIXEIRA**

RUI FERNANDES PÓVOAS***

Resumo: *A recente dinâmica de regeneração urbana do Centro Histórico do Porto, com particular destaque para a Rua das Flores, apoiada na indústria do turismo de massas, tem causado perdas irreparáveis de valores patrimoniais do seu edificado, além de ser responsável pela expulsão dos seus habitantes e comerciantes, esvaziando esta via do seu sentido primordial e transformando-a num parque de diversões. A subjacente intervenção no edificado não é mais que construção nova, disfarçada por detrás das fachadas, sendo a nova população fundamentalmente constituída por turistas. Tomando por base registos fotográficos de trabalhos académicos incidindo sobre alguns edifícios desta rua, a que se acrescentam as impressões pessoais dos autores, apresenta-se um balanço do que tem representado a sua recente reabilitação e requalificação.*

Palavras-chave: *Porto; Património; Edificado histórico; Fachadismo; Gentrificação.*

Abstract: *The recent dynamics of urban regeneration of the Historic Centre of Porto, with particular emphasis on Rua das Flores, supported by the mass tourism industry, has caused irreparable loss of heritage values of its buildings, besides being responsible for the expulsion of its inhabitants and traders, emptying this street of its primary meaning and turning it into a kind of playground. The underlying intervention in the buildings is nothing more than new construction, disguised behind façades, and the new population is mainly composed by tourists. Based on photographic records of academic works on some buildings of this street, to which the personal impressions of the authors are added, a balance of its recent rehabilitation and requalification is presented.*

Keywords: *Porto; Heritage; Historic buildings; Facadism; Gentrification.*

INTRODUÇÃO

Ao longo da sua existência de quinhentos anos, a Rua das Flores foi sofrendo várias modificações decorrentes das dinâmicas impostas pelo natural desenvolvimento urbano da cidade, com evidentes reflexos na imagem da sua arquitectura, o que faz com que o aspecto que os seus edifícios apresentam hoje não corresponda necessariamente aos seus antecessores, devido a estes utilizarem predominantemente a madeira na sua construção, material tradicionalmente precível. As paredes de pedra e cal que foram substituindo a madeira, são, pois, os elementos históricos de maior

* Os autores não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.

** FAUP. Email: jteixeira@arq.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9644-3345>.

*** FAUP. Email: rpovoas@arq.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2913-3002>.

antiguidade que chegaram até aos nossos dias, ainda assim, com muitas transformações ao longo destes cinco séculos, o que, aliás, está bem visível na quantidade de fachadas do século XIX.

Mesmo o pavimento daquela que foi a primeira rua integralmente calcetada da cidade do Porto encontra-se totalmente perdido na poeira do tempo, talvez soterrado algures ou empregado na construção das paredes de alguma das suas casas.

Ocorre que até ao final do século XIX essas transformações eram lentas e consistentes usando sensivelmente os mesmos materiais e técnicas construtivas, que se traduziam numa grande coerência e continuidade ao longo do tempo. A introdução de materiais e técnicas construtivas industriais, ao longo do século XX, com destaque para o cimento e o betão armado, associada às facilidades dos novos meios de produção, quando aplicada aos edifícios antigos, tem resultado em danos e perdas irreversíveis para o edificado histórico.

O que mudou no presente, é a nossa consciência sobre o legado deixado pelos nossos antepassados, o qual está intrinsecamente associado à nossa identidade, sendo necessária a sua rigorosa protecção para o poder legar às gerações futuras na sua máxima autenticidade. Concomitantemente, num tempo de emergência climática, em que urge gerir racionalmente os nossos recursos, a manutenção do património edificado, assente no reaproveitamento dos respectivos elementos estruturais e construtivos, constitui a forma por excelência da prática de uma arquitectura ambientalmente sustentável.

1. ANTECEDENTES

A arquitectura doméstica da cidade do Porto, seja a horizontal casa nobre ou, principalmente, a vertical casa burguesa, das quais a Rua das Flores é uma das mais representativas, apresentou sempre um certo aspecto austero exterior, que se acentuou nos edifícios do século XIX. Com efeito, as suas qualidades arquitectónicas e espaciais estão maioritariamente presentes nos seus interiores, reveladas nas singularidades tipológicas de cada casa, mas também nas qualidades dos materiais e da execução dos vários elementos que compõem os seus espaços:

Uma casa de aparência modesta pertence a uma família de burgueses ricos e de projecção na vida social, e é interiormente opulenta: na sua simplicidade utilitária, as madeiras são muitas vezes preciosas, de pau-brasil, pau-rosa ou pau-cetim; os tectos de caixotões barrocos, de castanho, geralmente decorados com pinturas ornamentais, ou de finos estuques no mais puro gosto Adam ou Wedgewood, testemunhando influências inglesas, quando não nos motivos da época vitoriana, que têm uma versão muito corrente na província minhota; as portas são de belas almofadas entalhadas, pintadas a branco e ouro, com «espelhos» de

madrepérola ou marfim; as vidraças, com bandeiras de desenhos pós-georgeanos; fogões de mármore famosos¹.

O declínio da Rua das Flores, iniciado nos finais do século XIX e prolongado por todo o seguinte, remeteu esta via a um certo esquecimento, mantendo-a incólume aos vários estudos e planos propostos para o centro da cidade histórica, assim como às demolições em massa, perpetradas com propósitos higienistas ou em resultado de grandes operações urbanas.

Com o fim do regime ditatorial e após a adesão à Comunidade Económica Europeia, algum investimento nos centros históricos não foi suficiente para a fixação da sua população nem para a captação de novos habitantes, ambos seduzidos pelas políticas expansionistas de aquisição de alojamentos suburbanos.

Na sequência de um mundo globalizado, a recente dinâmica sem precedentes que a indústria do turismo tem imprimido no Centro Histórico do Porto (CHP), tem sido responsável por uma intervenção em massa no seu edificado, caracterizada maioritariamente por acções de fachadismo, toleradas pelas entidades responsáveis pela tutela desta área urbana, repartida entre a Autarquia e o Estado. O duvidoso sucesso destas transformações, além de por em causa a autenticidade do património do CHP, não tem permitido estancar o esvaziamento dos seus habitantes, iniciado na década de 80, antes promovendo uma gentrificação desta área como alavanca da sua regeneração urbana.

2. AS INTERVENÇÕES PROMOVIDAS PELO COMISSARIADO PARA A RENOVAÇÃO URBANA DA ÁREA RIBEIRA/BARREDO (CRUARB)

Criado em Setembro de 1974, o CRUARB tinha como principal objectivo intervir numa zona histórica profundamente degradada, de modo a proporcionar condições dignas de habitação à população residente. Com a passagem para a tutela da autarquia, esta entidade foi alargando a sua área de actuação, até ao final da sua actividade, em 2003, embora com um número de intervenções relativamente reduzido. Tal é o caso dos dois edifícios localizados na Rua das Flores: a Casa n.º 69, antiga Casa da Companhia, intervencionada em 1980 (Fig. 1), tendo em vista convertê-la na sede da Fundação da Juventude (actualmente reconvertida em hotel de luxo); e a Casa n.ºs 2-12, antiga casa dos Pimentel, intervencionada em 1985 (Fig. 2), de acordo com o inventário publicado pelo CRUARB². Em ambos os casos, as actuações não diferem daquela que foi a prática recorrente do CRUARB

¹ OLIVEIRA, GALHANO, 1992: 300.

² LOZA *et al.*, 2001: 52.



Fig. 1. Casa n.º 69, antiga Casa da Companhia, foto de 2014, ainda sede da Fundação da Juventude
Fonte: Google Maps



Fig. 2. Casa n.º 2-12, antiga Casa dos Pimentel, em 2014
Fonte: Google Maps

ao longo da sua actividade: demolição integral dos interiores (ou o que restava da sua existência) e reconstrução em betão armado entre outros materiais e técnicas industriais. No caso do edifício da sede da Fundação da Juventude, observe-se ainda o impacto negativo causado pela alteração da geometria da nova caixilharia exterior (Fig. 1).

Sendo provável que muitos dos edifícios intervencionados poderiam encontrar-se em mau estado de conservação, será que houve uma avaliação rigorosa destes dois casos? Ou preferiu-se optar pela solução mais fácil. Apesar da controvérsia que envolveu a actuação desta entidade, o seu papel foi decisivo para a apresentação e sucesso da candidatura do CHP à lista do Património Mundial da UNESCO, em 1991. Tendo invertido o processo de degradação e decadência das áreas mais problemáticas, melhorado as condições de algumas habitações e espaços públicos e promovido várias actividades sociais junto das populações, ainda assim, o CRUARB não foi capaz de estancar o processo de esvaziamento e abandono do CHP iniciado nos anos 80 do século passado.

3. AS INTERVENÇÕES TUTELADAS PELA SOCIEDADE DE REABILITAÇÃO URBANA (SRU) PORTO VIVO

Criada em 2004, a SRU Porto Vivo apresenta o Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto Património Mundial em 2008, onde assinala os principais objectivos da sua acção: i) Re-habitação da Baixa do Porto; ii) Desenvolvimento e promoção



Fig. 3
 Conjunto de parcelas com frente para a Rua das Flores e integradas no quarteirão das Cardosas, em 2011
 Fonte: Foto dos autores

do negócio na baixa do Porto; iii) Revitalização do comércio; iv) Dinamização do turismo, cultura e lazer; v) Qualificação do domínio público. Mais tarde, em 2012, desenvolve um documento de enquadramento e orientação do processo de reabilitação — *Masterplan* —, onde se definem os objectivos, as metas a atingir, a estratégia e os instrumentos operativos; mas também de comunicação com a opinião pública, com as populações envolvidas, as instituições e os investidores³.

A intervenção promovida pela SRU Porto Vivo com mais impacto na Rua das Flores abrangeu vários edifícios, integrando-se numa actuação alargada à escala do quarteirão das Cardosas (Fig. 3), o que constituiu, desde início, uma das suas estratégias de actuação. Esta intervenção contemplou: a alteração da matriz cadastral dos lotes e das suas tipologias, com consequente modificação da estrutura morfotipológica da cidade existente; a destruição de uma parte substantiva do património, através da demolição integral dos interiores dos edifícios; a reconstrução dos interiores utilizando sistemas construtivos industrializados, sem avaliar a sua compatibilidade com as escassas preexistências; a promoção da gentrificação, com a opção por habitação de standard elevado, num contexto que tem evidenciado não possuir vocação para este segmento de mercado⁴.

O recente fenómeno de terciarização do CHP, essencialmente baseado nas actividades ligadas ao turismo, trouxe um dinamismo sem precedentes a esta área urbana, com particular destaque para a Rua das Flores (integrada na operação

³ LOZA, GUIMARÃES e MOURA, 2008: 60-62.

⁴ TEIXEIRA, 2014: 132.



Fig. 4. Demolição integral de todo o interior da casa n.º 56-64, em 2017. Fonte: Foto dos autores



Fig. 5. Reconstrução do interior da Casa n.º 21 (Casa dos Maias) em [20?]. Fonte: Foto dos autores



Fig. 6. Intervenção na cobertura da casa n.º 62, em 2014, seguindo as regras das boas práticas. Fonte: Foto dos autores



Fig. 7. Intervenção actual nas casas n.ºs 60-62 e n.ºs 63-65, baseada numa actuação fachadista. Fonte: Foto dos autores



Fig. 8. Destruição da base de uma pilastra com a instalação de caixas de redes. Fonte: Foto dos autores



Fig. 9. Substituição dos caixilhos originais em madeira por novos em alumínio, com alteração do tipo de funcionamento. Fonte: Foto dos autores

Mouzinho-Flores), conduzindo a intervenções em vários dos seus mais importantes edifícios (Figs. 4 e 5).

Um caso paradigmático, que traduz o elevado nível de especulação imobiliária praticado no CHP, é o da Casa n.^{os} 60-62, situada no Largo de S. Domingos. Reabilitada em 2014, ao que tudo indicava, de acordo com as boas práticas (Fig. 6), encontra-se actualmente, em intervenção, agora associada à parcela contígua (Fig. 7), ambas totalmente esvaziadas dos seus interiores, em mais uma actuação de fachadismo.

Embora de carácter pontual, os danos provocados pelas pequenas intervenções, quando replicadas, tendem a criar dissonâncias e rupturas significativas que comprometem a integridade patrimonial dos conjuntos. Tal é o caso da destruição de elementos de cantaria para a instalação de infraestruturas (Fig. 8), ou a substituição de caixilhos existentes em madeira pintada por novos em alumínio ou pvc, com geometria e funcionamento diferentes dos originais (Fig. 9), neste caso aplicado aos caixilhos centrais de correr ou, mais frequentemente, relativo aos sistemas de abertura oscilobatente.

Atropelos desta natureza poderiam ser evitados se as entidades de gestão divulgassem manuais de boas práticas e adoptassem uma postura de maior proximidade no apoio aos proprietários e técnicos.



Fig. 10
Reparação das pinturas
de um tecto da Casa n.º 139
Fonte: Foto dos autores



Fig. 11. Adaptação das redes ao existente e reconstrução da claraboia usando madeira, na Casa n.º 139
Fonte: Foto dos autores



Fig. 12. Manutenção das estruturas existentes, em alvenaria e madeira, de um compartimento sob a cobertura da Casa n.º 139. Fonte: Foto dos autores

Em oposição aos exemplos anteriores, é possível identificar intervenções representativas de boas práticas, como é o caso da Casa n.º 139 (antiga casa dos Constantinos), em cuja reabilitação se mantiveram e recuperaram as preexistências com valor (Fig. 10), tendo-se adoptado soluções de reparação ou até de substituição usando técnicas e materiais iguais ou compatíveis com os existentes (Figs. 11 e 12).

Independentemente do tipo de intervenção, assiste-se à conversão generalizada dos edifícios a actividades ligadas ao negócio do turismo e do lazer, transformando progressivamente a Rua das Flores e o resto do CHP num parque de diversões, longe da nossa noção de cidade, longe do Porto que conhecíamos de antanho. É o que acontece com as lojas tradicionais desta rua, nos últimos anos convertidas em negócios afectos à actividade turística, restaurantes, cafés, bares, lojas de recordações, substituindo o comércio local.

O próprio edifício da sede da Misericórdia do Porto, construído em meados do século XVI, também cedeu à dinâmica urbana sustentada pelo turismo de massas, tendo sido recentemente convertido em museu.

No que se refere ao espaço público, pode afirmar-se que a Rua das Flores beneficiou da sua reabilitação, pois aquela que era uma via de passeios estreitos e faixa de rodagem destinada a estacionamento e circulação automóvel, passou a ser exclusivamente destinada às pessoas. A opção por revesti-la com lajeado de granito (pedra autóctone) em toda a sua extensão confere unidade ao espaço público da rua e o tipo de aplicação e acabamento deste revestimento possibilita uma circulação confortável e acessível a qualquer cidadão, o que é de enaltecer. Em termos de opções menos conseguidas, era dispensável a marcação de uma faixa zigzagueante de circulação mecânica; as caixas de infraestruturas deveriam ter sido objecto de um tratamento mais condigno, por exemplo, integrando-as no desenho de mobiliário urbano, que faz falta, ou dissimulando-as no pavimento.

Por último, mas não menos importante, os dados preliminares do Censos 2020 revelam a manutenção da tendência decrescente de perda de população, o que significa que a gestão da SRU Porto Vivo não conseguiu fixar população no CHP, invertendo o seu processo de esvaziamento, o qual ocorre desde o início da década de 80. A proplada reabilitação do CHP, que constitui um dos primeiros objectivos da SRU Porto Vivo, tem resultado numa dinâmica artificial proporcionada pelo recente fenómeno, sem precedentes, de uma multiplicidade de actividades associadas ao turismo de massas que, como é sabido, é de uma enorme fragilidade, não só por se alimentar de tendências de moda, mas também por depender de fluxos massivos de pessoas à escala global, o que, além de nocivo para o ambiente, pode fazer colapsar um sistema económico, como aconteceu recentemente com o impacto da pandemia COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal causa na origem da decadência do CHP foi o seu abandono, que se arrastou por demasiado tempo, perante a incapacidade de tomada de decisões políticas capazes de inverter esse processo, não obstante algumas tentativas meritórias, ainda que resumidas a acções pontuais. Foi o prolongado estado de abandono do CHP que conduziu à generalizada degradação do seu edificado, bem como ao esvaziamento da sua população, processo que se arrasta até à actualidade.

No que se refere ao edificado, o seu abandono e incúria, muitas vezes intencional, têm conduzido à sua degradação irreversível, o que significa a perda de valores arquitectónicos, históricos, culturais e de identidade, comprometendo a viabilidade e autenticidade deste legado patrimonial, que constitui um recurso insubstituível.

O fenómeno de submissão de importantes centros históricos à indústria do turismo de massas, iniciado há várias décadas atrás, agravou-se e generalizou-se com a globalização, pondo em risco a saúde dos seus centros históricos, congestionados e desgastados por grandes fluxos de turistas.

Por outro lado, se as figuras de protecção tiveram uma boa intenção inicial, foram pervertidas pelos efeitos da normalização imposta pela mundialização da sociedade, da qual resulta uma fetichização do património, conduzindo a dois tipos de actuação: à sua *museificação*, sob a capa de uma equívoca autenticidade; e à sua comercialização sob os efeitos da indústria do turismo de massas, tudo convertendo a uma espécie de *dysneylandificação*⁵, sendo certo, que ambas as actuações conduzem à perda de identidade e do sentido primordial da cidade.

Embora muitos dos edifícios se encontrem protegidos sob a figura dos conjuntos urbanos, como é o caso da Rua das Flores, estes tendem a ser entendidos na sua dimensão e morfologia exterior, reduzidos à manutenção do cenário urbano onde se inserem, secundarizando a importância dos seus interiores que constituem uma parte relevante da sua identidade.

Atendendo a que a indústria da construção é uma das actividades com maior consumo de recursos e, conseqüentemente, com maior impacto ambiental, faz todo o sentido investir na conservação dos centros históricos, opção ambientalmente sustentável, permitindo reduzir o consumo de recursos naturais e de energia, diminuir a produção de resíduos de construção e gerir a ocupação do solo. Num tempo em que a sociedade vai ganhando maior consciência sobre o estado de emergência climática em que nos encontramos, urge desmascarar as acções de construção nova disfarçadas de reabilitação que são prática corrente na cidade histórica, optando pelo prolongamento do tempo de vida útil dos edifícios, através da sua manutenção e de uma reabilitação capaz de manter este legado histórico como recurso insubstituível.

⁵ CHOAY, 2011: 44-50.

Não se trata aqui de defender uma *museificação* da cidade histórica, mas antes permitir que esta seja usufruída pelos seus habitantes, respondendo às suas legítimas necessidades e pretensões contemporâneas, no respeito pelas heranças materiais e imateriais dos nossos antepassados, mantendo-a viva e retomando a continuidade perdida.

BIBLIOGRAFIA

- CHOAY, Françoise (2011). *As Questões do Património. Antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70.
- LOZA, Rui, et al. (2001). *Porto Património Mundial III, CRUARB 25 anos de reabilitação urbana. As intervenções de 1974 a 2000*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- LOZA, Rui, GUIMARÃES, Filomena, MOURA, António, [coord.] (2008). *Centro Histórico do Porto Património Mundial. Plano de Gestão*. Porto: Câmara Municipal do Porto. 3 vols.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando (1992). *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- TEIXEIRA, Joaquim (2014). *Salvaguarda e Valorização do Edifício Habitacional da Cidade Histórica. Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.



HISTÓRIA DA ARQUITETURA PERSPETIVAS TEMÁTICAS (III) A RUA NA ESTRUTURA URBANA

COORD.
MANUEL JOAQUIM MOREIRA DA ROCHA
NUNO RESENDE